



**O FABULOSO REINO  
DA PEDRA FURADA**  
e outras estórias populares em cordel

**CLEILSON RIBEIRO**





**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**O FABULOSO REINO DA PEDRA FURADA:  
(e outras estórias populares em cordel)**

**CLEILSON RIBEIRO**

Fortaleza - Ceará  
2017



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**

*Secretaria da Educação*

**Camilo Sobreira de Santana**  
Governador

**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**  
Vice-Governadora

**Antonio Idilvan de Lima Alencar**  
Secretário da Educação

**Márcia Oliveira Cavalcante Campos**  
Secretária Adjunta da Educação

**Rita de Cássia Tavares Colares**  
Secretária Executiva da Educação

**Julianna da Silva Sampaio**  
Assessoria de Comunicação - ASCOM

**Rogers Vasconcelos Mendes**  
Coordenador da CODEA/Gestão Pedagógica

**Iane Terceiro Nobre**  
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

**Elane Maria Feijó Borges**  
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

**Paulo Venício Braga de Paula**  
Centro de Documentação e Informações Educacionais

## **Coordenação**

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem - CODEA / Gestão Pedagógica

## **Conselho Editorial**

Prof. Adriano Silva Lima  
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo  
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha  
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda  
Prof. Genivaldo Macário Castro  
Profa. Gleissiane Ferreira  
Prof. Hylô Leal Pereira  
Prfa. Ideigiane Terceiro Nobre  
Prof. Ilde Guedes da Silva  
Prof. Jenilson Sousa Nogueira  
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira  
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes  
Prof. Rosendo Amorim de Freitas  
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira  
Prof. Paulo Venício Braga de Paula  
Prof. Jefrei Almeida Rocha  
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis  
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira  
Profa. Antonia Varele Gama Silva

## **Edição**

**Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica**

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

## **Revisão**

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira

**Projeto Gráfico**  
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

**Diagramação e Arte-Final**  
Gráfica Digital da SEDUC

**Normalização Bibliográfica**  
Elizabete de Oliveira da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484f Ribeiro, Cleilson Pereira.  
O fabuloso reino da pedra furada (e outras estórias populares em cordel)/ Cleilson Pereira Ribeiro. – Fortaleza: SEDUC, 2017.

129 p.

**ISBN: 978-85-8171-168-3**

1 - Estórias populares. 2. Cordel. I. Título.

CDD 398.5

[www.seduc.ce.gov.br](http://www.seduc.ce.gov.br)



[www.facebook.com/EducaoCeara](https://www.facebook.com/EducaoCeara)

---

## PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

---

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas, considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

# Sumário

O fabuloso Reino da Pedra Furada .....	08
A árvore adivinhosa .....	19
A donzela encantada, a serpente da furtna e os três sonhos seguidos .....	37
A triste estória de Rosaflor .....	48
A botija encantada da Serra do Cachimbo.....	67
A lenda da noiva das águas .....	75
A vingança de João Valente .....	87
O misterioso pássaro de luz e a moça mais infeliz do mundo .....	99
O passarinho dos três conselhos e a herança de Maria.....	109
A cama da baleia da pedra da batateira.....	121

**O FABULOSO REINO  
DA PEDRA FURADA:**  
(e outras estórias populares em cordel)

---

## O FABULOSO REINO DA PEDRA FURADA

Essa história se passou  
Nos idos de antigamente  
É contada em todo canto  
Aqui, ali, diferente  
E narra a triste história  
Duma princesa inocente.

No tempo que Portugal  
Era um reino Muçulmano  
Dominado pelas leis  
De um sultão soberano  
Essa princesa se viu  
Num destino desumano.

A princesa era filha  
Desse antigo sultão  
E um dia conheceu  
Um cavaleiro cristão  
E o amor veio morar  
Feliz, em seu coração.

O encontro entre os dois  
Se deu num dia de sol  
A paixão como um feitiço  
Fisgou-lhes com seu anzol  
Nasceu, florou, espalhou-se,  
Ela flor, ele arrebol.

Numa colina estava  
A princesa passeando  
Apareceu um ladrão  
Que há muito lhe vigiando  
Vinha seguindo seus passos  
Malefícios planejando.

Inimigo de seu pai  
De seu reino um desertor  
Queria ter a princesa  
Mas, sendo um traidor  
O sultão mandou-lhe embora  
Por ser ele, malfeitor.

A princesa amedrontada  
Deu um grito de lamento  
Nessa hora um cavaleiro  
Ligeiro igual pensamento  
Apareceu de surpresa  
Pra acabar seu sofrimento.

O bandido apavorado  
Correu dali bem ligeiro  
A princesa agradecida  
Sorriu para o cavaleiro  
E prometeu, no palácio  
Lhe pagar um bom dinheiro.

Mas ele, não aceitou  
Receber dela um tostão  
Mesmo com ela insistindo  
Lhe apresentar ao sultão  
E retirou-se dali  
Em seu cavalo alazão.

A princesa muito linda  
Que esse cordel inspira  
Era a flor da realeza  
Tinha o nome de Safira  
O cavaleiro era Afonso  
Nessa história que admira.

Cada um traz sua sorte  
Marcada para cumprir  
Afonso servia a um rei  
Que não podia trair  
E ao sultão, pai de Safira  
Planejava destruir.

Os dois se reencontraram  
Naquele mesmo lugar  
Diversas vezes se viram  
E puderam se amar  
Mas diz o velho ditado  
Que mato pode enxergar.

Não há quem faça escondido  
Que não venha aparecer  
O sultão descobriu tudo  
Resolveu interceder  
Proibindo a princesa  
O cavaleiro rever.

Predeu Safira na torre  
Pra ela não se ausentar  
E aquela lei do sultão  
Era melhor respeitar  
E quem desobedecesse  
Ele mandava enforcar.

O Afonso entristecido  
Sem sua bela princesa  
Sentiu uma dor imensa  
No seu peito em correnteza  
Inundando o coração  
Levando toda beleza.

Um dia, porém Safira  
Chamou uma feiticeira  
Que se chamava Melinda  
Sua amiga e conselheira  
Que logo lhe ensinou  
De fugir, uma maneira.

Safira logo aceitou  
E ouviu com atenção  
A feiticeira com gosto  
Lhe mostrou a solução  
E ao cair daquela tarde  
Soou um grande trovão.

Safira se transformou  
Em um pássaro azulado  
Tinha asas coloridas  
Era lindo e emplumado  
O bico curto e cinzento  
E o olhar esverdeado.

A princesa se envoltou  
Devido aquela magia  
Foi atrás do cavaleiro  
Que sofria agonia  
Voltando a forma humana  
Deu-lhe esta alegria.

Os dois mataram a saudade  
Naquela tarde bonita  
E juraram amor eterno  
Numa paixão infinita  
Mas na hora de voltar  
Safira ficou aflita.

O sultão desconfiou  
Daquele imenso trovão  
E do pássaro que avistou  
Parecendo assombração  
Ficando impressionado  
Com aquela encantação.

Melinda notando tudo  
Logo avisou a princesa  
Precisavam de outro plano  
Para evitar a surpresa  
Se o sultão descobrisse  
Era a forca com certeza.

A Melinda então propôs  
Dar aos dois uma porção  
Afonso logo mostrou  
Uma grande indecisão  
Mas, Safira o convenceu  
Tudo em nome da paixão.

Segundo a feitiçaria  
Que a tal Melinda inventou  
Em uma terra distante  
Que ninguém nunca pisou  
Os dois seriam felizes  
Assim ela imaginou.

Aquele rito encantado  
Tinha então como razão  
Unir sempre suas vidas  
Evitando a solidão  
Fez de Safira uma serpente  
Afonso virou dragão.

No tal mundo vislumbrado  
O sultão não chegaria  
Pois o mapa só Melinda  
Na memória escondia  
E seu caminho encantado  
Somente ela sabia.

Marcaram o dia da fuga  
Pediram a Deus proteção  
E então se encontraram  
Para tomar a porção  
Mas Afonso desistiu  
De transformar-se em dragão.

Daquela torre escura  
ela precisou fugir  
por isso sorveu primeiro  
cada gota sem sentir  
Não esperando que Afonso  
fosse então lhe trair.

Safira vendo que Afonso  
havia lhe enganado  
sentiu em seu coração  
um espinho ser cravado  
seu destino era agora  
um vento malassombrado.

O sultão quando notou  
A fuga de sua filha  
Ordenou que seu exército  
Descobrisse a sua trilha  
Mas, ela tinha voado  
Pra o reino da maravilha.

Com toda aquela tristeza  
Chorando a sua dor  
Safira enlouqueceu  
Porque perdeu seu amor  
E o reino de Afonso  
Destruiu com seu furor.

A princesa condenada  
A viver como serpente  
Dentro duma Pedra Furada  
Com sua alma doente  
A tristeza machucando  
Seu coração inocente.

Mas tudo na vida tem  
Um motivo de bonança  
Melinda deixou gravada  
Numa pedra como herança  
A forma , do desencanto  
Pra princesa a esperança.

Num lugar muito bonito  
Chamado Jeriquaquara  
É que se encontra essa pedra  
Brilhante, de cor tão rara  
Que igual em nenhum canto  
Outra pedra se compara.

Pra de novo esta princesa  
Deixar de ser uma serpente  
Só se quebrar o feitiço  
Por alguém muito valente,  
Tocando a pedra safira,  
Na hora do sol poente.

Só que existe um porém  
Nesse reino tenebroso  
Só poderá penetrar  
Quem for mesmo corajoso  
E tiver bom coração  
Sem jamais ser orgulhoso.

Tem o ditado que se diz:  
Em uma pedra furada  
Há uma porta secreta  
Que por Melinda encantada  
Leva ao reino onde Safira  
Vive triste e desamada.

E é lá que noite e dia  
Safira tece chorando  
O seu vestido de noiva  
Com estrelas costurando  
Que alguém venha salvá-la  
Continua esperando.

Daquela linda princesa  
Um canto mal-assombrado  
Se escuta pelo vento  
Num sentimento encantado  
E é difícil não ficar  
De cabelo arrepiado.

Safira, pedindo implora  
Alguém pra desencantar  
O seu corpo de serpente  
Pra ela de novo virar  
A mais bonita princesa  
Do reino do além-mar.

## A ÁRVORE ADIVINHOSA

Em um reino fabuloso  
Em ido tempo passado  
Aconteceu essa história  
Que é fato consumado  
E o povo, de sua verdade  
Disso não tem duvidado.

Em um castelo de pedra  
Num morro alto erguido  
Um rei muito poderoso  
Vivia, bem protegido  
Com sua filha princesa  
Feliz, forte, destemido.

De sua filha querida  
Esse rei tinha orgulho  
Dizia: “Pra lhe salvar  
Em mar de fogo, mergulho  
Por você querida filha

Enfrento qualquer barulho”.  
Mas o rei tinha também  
Uma árvore bem frondosa  
Da qual sentia ciúmes  
Por ser muito perfumosa  
Era ela encantada  
Adivinha e poderosa.

A princesa, nessa árvore  
Gostava de descansar  
Fazendo suas leituras  
E com ela a conversar  
O rei vivia feliz  
Sem ter do que reclamar.

Assim a linda princesa  
Todo dia de manhã  
Debaixo de sua sombra  
Descansava bem louçã  
E a árvore respondia  
“Sacudim e sacudan”.

Pra ela contava história  
Essa árvore encantada  
A princesa lhe escutava  
Para ficar informada  
Pois quando estava com ela  
Era feliz e animada.

Mas eis que um certo dia  
Um pássaro, ali pousou  
Para a princesa sorriu  
E cantando perguntou  
“Você gosta de adivinha?”  
E dela se aproximou.

De maneira irreverente  
Mostrando felicidade  
“É melhor linda princesa  
Trabalhar na mocidade  
Ou buscar já na velhice  
Fortuna e felicidade?”

A princesa impressionada  
Com a ave que falava  
Correu para o castelo  
Daquilo se admirava  
Como pode esse feitiço  
A si mesmo perguntava.

Contou tudo aquilo ao rei  
Que assim lhe aconselhou  
Quem na sua mocidade  
Esforço desempenhou  
Colherá na sua velhice  
A semente que plantou.

E assim no outro dia  
Quando a ave apareceu  
A princesa desse modo  
Para ela respondeu  
Quem trabalha quando jovem  
Na velhice, enriqueceu.

Aquela ave encantada  
Pegou na mão da princesa  
E com ela então voou  
Devido sua leveza  
Pegou ela distraída  
Num momento de surpresa.

Depois de muito voar  
Largou-a num descampado  
Deixando-a ali, sozinha  
O coração assustado  
Daquela linda princesa  
Batia descompassado.

A noite caiu ligeira  
Com a sua frialdade  
A princesa lamentava  
Sofrer tanta crueldade  
Porque a ave agira  
Mostrando ódio e maldade?

No castelo confortável  
Ela tinha o que queria  
Os seus pratos prediletos  
Saboreava, comia  
Tinha do bom e melhor  
Vivia com a alegria.

Foi assim que a princesa  
Aprendeu a se virar  
Construiu o seu abrigo  
Aprendeu a se arranjar  
Aos mais diversos perigos  
Precisou se acostumar.

Muito tempo se passou  
E a princesa, ali sozinha  
Relembrando seu castelo  
Sua vida de rainha  
Pensava em seu velho pai  
E na árvore, adivinha.

Um dia quando lavava  
Sua roupa, ouviu um estalo  
Avistou um cavaleiro  
No mais bonito cavalo  
A princesa receosa  
Não quis ao menos, saudá-lo.

— À noite aqui — disse ele

Tem um bicho encantado  
Bota medo em todo mundo  
Por que é mal-assombrado  
Quem resolve enfrentá-lo  
Sempre acaba derrotado.

Vamos lá para o castelo  
Que serás apresentada  
À minha mãe a rainha  
Que é muito afortunada  
Logo a princesa aceitou  
Feliz por ser bem tratada.

A rainha a recebeu  
Com um sorriso contente  
Mas, dentro do coração  
Tinha um veneno corrente  
Por fora uma linda flor  
Por dentro uma serpente.

De tanto ficarem juntos  
Começaram a se gostar  
Conversavam sobre tudo  
E foi nascendo no olhar  
Uma luz muito bonita  
Que ninguém pode apagar.

O príncipe pediu a mãe  
Pra aceitar seu pedido  
Casar com aquela moça  
Que ele havia conhecido  
Perdida numa floresta  
Ele estava resolvido.

A rainha insatisfeita  
Relutando, aceitou  
Mas, o certo é que por dentro  
Seu coração não gostou  
E desse jeito pra o filho  
Prontamente lhe avisou:

— Essa moça, bem lhe digo  
É fruto de encantação  
Erva que nasce no mato  
Não brota em qualquer chão  
É uma semente daninha  
Esconde espinho e ferrão.”

O casamento foi feito  
Como o príncipe queria  
E numa festa bonita  
Enfeitados de alegria  
Os dois noivos demonstravam  
Esperança e poesia.

Porém passado um ano  
Uma criança nasceu  
O príncipe estava caçando  
Seu filho não conheceu  
A rainha fez o parto  
E veja o que aconteceu.

Aproveitando esse fato  
Disse ela pra princesa:  
“Deste a luz a um sapo morto  
Disso eu tenho certeza  
Uma cara feia dessa  
Só estraga a realeza”.

Assustada quando olhou  
Chorou com grande aflição  
Não sabendo que a rainha  
Tinha feito uma armação  
Pensou, trazia consigo  
Como sorte, a maldição.

A rainha pôs seu neto  
Num grande saco bordado  
E jogou num matagal  
Pra nunca ser encontrado  
Mas veio o pássaro preto  
Que lhe levou com cuidado.

Voou pra longe dali  
E deixou numa janela  
De um castelo de pedra  
Que pertencia ao pai dela  
Jogando sobre o menino  
Uma florzinha amarela.

O rei quando o encontrou  
Sorriu com grande esperança  
Gritou entusiasmado  
“O grande Deus não descansa  
Os olhos de minha filha  
Eu vejo nessa criança”.

Passados mais uns dois anos  
A princesa engravidou  
Mas o príncipe outra vez  
Pra bem longe viajou  
Nasceu sua linda filha  
Mas veja o que se passou.

A rainha fez o parto  
E agindo com desdém  
Disse assim para a princesa:  
“A sua filha também  
Não passa duma cobra morta  
Feia assim, não vi ninguém”.

Confusa e desesperada  
A princesa lamentou  
Chorou com muita tristeza  
Quando o marido voltou  
Ficou prostrada na cama  
Nunca mais se levantou.

A rainha pôs a neta  
Numa sacola de renda  
Jogou lá no matagal  
Dizendo ser oferenda  
Pra o bicho mal-assombrado  
Comer na sua merenda.

Novamente aquela ave  
A criancinha salvou  
E levou para o castelo  
Pra o rei bondoso deixou  
Ele com muito carinho  
A menininha adotou.

O rei olhou à criança  
E disse: “Eu estou seguro  
Essa boquinha bonita,  
Seja no claro ou no escuro,  
Parece a da minha filha  
Que vou rever no futuro”.

E assim passou o tempo  
E a pobre da princesa  
Engravidou novamente  
Para poder ter certeza  
Queria ter o seu filho  
Para cessar sua tristeza.

A rainha prontamente  
lhe ajudava, lhe atendia  
Fingia ter compaixão  
fosse noite ou fosse dia  
no fundo do coração  
toda maldade escondia

Nascido um outro menino  
Ela disse: “Maldição!  
O seu filho é um lagarto  
Mais parece assombração  
Graças á Deus está morto  
Acalme o seu coração”.

O príncipe chegou da guerra  
E foi logo consolado  
Por sua mãe, a rainha  
Que já tinha planejado  
O destino de seu neto  
Por ela abandonado.

Outra vez foi encontrada  
Uma criança esquecida  
E no castelo de pedra  
Teve a sorte da guarida  
O rei dizia assim:  
“São meus tesouros na vida”.

Após passados dois anos  
O príncipe anunciou  
“Vou fazer uma viagem  
O destino me chamou  
Vou pra o castelo de pedra,  
Pois seu rei me convidou”.

A princesa desolada  
Sentiu o peito doer  
O seu marido partia  
Pra bem logo conhecer  
O reino onde seu pai  
Era o dono do poder.

Disse a ele: — Meu amado  
Vou lhe pedir um favor  
Lá no castelo de pedra  
Tem o maior esplendor  
É uma árvore bonita  
Alivie a minha dor.

Traga um galhinho dela  
Porque quero aqui plantar  
Para quando ela florir  
Nela poder descansar  
Em sua sombra frondosa  
E minha dor aliviar.

Chegando lá no castelo  
Foi muito bem recebido  
Por um rei já muito idoso  
Que tinha assunto cumprido  
Mas os dois sequer notaram  
Todo o tempo transcorrido.

O rei lhe apresentou  
Seus netos dizendo assim:  
Meu distinto amigo eu sei  
Que já estou perto do fim  
Esses aqui são meus netos  
Que Deus enviou pra mim.

Tinha uma filha querida  
Que de mim se encantou  
Procurei por todo canto  
Mas seu rastro se envultou  
Eu fiquei com a lembrança  
Que em mim ela deixou.

Ouvindo aquela história  
O príncipe se comoveu:  
— Tristeza tenho de sobra  
Guardada no peito meu  
Tive três filhos na vida  
Mas nenhum sobreviveu.

As três crianças traziam  
Um brilho raro no olhar  
Era como fosse a luz  
De sol pousando no mar  
A alegrar o castelo  
Viviam sempre a brincar.

O velho muito feliz  
Como eles numa alegria  
Participava de tudo  
A toda hora do dia  
“Eles são minha riqueza”  
Constantemente dizia.

Alguns meses se passaram  
E quando o príncipe voltou  
Sua mãe muito feliz  
Sem entender, encontrou  
Porém a sua esposa  
Cada vez mais definhou.

Ao ver o galho da árvore  
Ela ganhou energia  
O príncipe notando aquilo  
Sentiu bastante alegria  
Pois a princesa, infeliz  
Há tempos que não sorria.

Eis então que a princesa  
Recuperou de repente  
Suas forças e passou  
A agir alegremente  
E sua árvore brotou  
Sem precisar de semente.

Certo dia a ave disse  
De surpresa pra princesa:  
— A rainha sua sogra  
Agiu com muita vileza  
Jogou fora os seus filhos  
Para lhe causar tristeza.

A princesa atordoada  
Caminhando devagar  
Se dirigiu para a árvore  
Para poder perguntar  
Seu marido foi atrás  
Sem a princesa notar.

— Minha árvore adivinha —  
Disse a princesa chorando  
— Aonde estão os meus filhos?  
Com eles vivo sonhando  
Estão mortos? Por favor  
Diga o que estou perguntando.

A árvore ficou parada  
E nada lhe anunciou  
Então de novo a princesa  
Para ela perguntou:  
— Os meus filhos estão vivos?  
A árvore se balançou.

A moça ajoelhou-se  
Choramando no chão  
“Foi a rainha perversa  
Que fez essa traição?”  
A árvore se agitou  
Dando outra informação.

O príncipe apareceu  
E abraçou sua amada  
Quando viu o seu marido  
Ficou então conformada  
E fez uma nova pergunta  
Para a árvore encantada:

“Nossos filhos, onde estão?  
Quem lhes trata com amor?  
Será meu pai? Me responda  
Para acabar minha dor.”  
E a árvore se sacudiu  
Dessa vez com mais furor.

E foi assim que a verdade  
Veio á tona outra vez  
Quem faz aqui, aqui paga  
O mundo tem suas leis  
A rainha ficou só  
Devido a insensatez.

O príncipe e a princesa  
Partiram a galopar  
Foram buscar os seus filhos  
No mais distante lugar  
E choraram de alegria  
Quando os puderam tocar.

O rei mandou fazer festa  
Que durou um mês inteiro  
Não sabia da tristeza  
Seu rastro, seu paradeiro  
Deus está por testemunha  
Que esse caso é verdadeiro.

E a tal rainha má  
Sozinha, triste e perdida  
Vivendo num pesadelo  
Pela culpa carcomida  
Morreu um dia engasgada  
Por todo mundo esquecida.

Fim

## A DONZELA ENCANTADA, A SERPENTE DA FURTUNA E OS TRÊS SONHOS SEGUIDOS

Nas linhas desse cordel  
De divina inspiração,  
Eu trago mais uma história  
cheia de encantação.  
Fantástica e fabulosa  
Como manda a tradição.

Essa lenda muito antiga  
de origem fenomenal  
narra uma triste história  
meio sobrenatural  
de uma donzela encantada  
de beleza sem igual.

Seu nome corre o sertão  
é pelo vento levado,  
ecoa solto no tempo  
como se fosse cifrado  
parece até uma canção  
de acorde mal-assombrado.

Nascida de vida pobre  
tinha por nome Sofia,  
e por força do destino  
imersa na covardia  
o sol de um sofrimento  
raiou na sua alegria.

Um dia teceu-se o tempo  
da tristeza florescer  
Sofia, viu-se tragada  
por imenso padecer  
seu destino naufragou  
num mar de dor e sofrer.

Prometida de menina  
por juramento firmado  
entre seu pai, Zé Gusmão  
e o coronel João Medrado  
sua sorte foi forçada  
a cumprir triste noivado.

João Medrado, o coronel  
homem rico e orgulhoso.  
mandava e desmandava  
com seu pulso fabuloso  
sua vontade era a lei  
por ser muito poderoso

Comprou Sofia à seu pai  
por uma parca quantia  
mas um acordo foi feito  
Num pingo de meio-dia  
se o trato não fosse honrado  
Seu Zé Gusmão morreria.

Palavra é sangue que corre  
Dizia seu Pai ao vento  
quem perde essa semente  
só encontra sofrimento  
homem sem honra e palavra  
é carne com ferimento.

Na serra da vermelhona  
essa história se espalhou  
Sofia, vai se casar?  
O povo todo estranhou,  
já nasceu encomendada,  
todo mundo comentou.

Ao saber que sua sina  
era só desesperança  
Sofia disse surpresa  
não aceito essa herança  
Meu coração é de outro  
ama, lateja e não cansa.

O pai trancou-lhe num quarto  
dizendo com pouco amor  
escolhi o seu destino  
por ser eu o seu senhor  
você casa com quem quero  
mesmo que morra de dor.

Lua cheia, noite escura  
vento soprando na estrada  
Sofia sonhou que era  
uma estrela encantada  
que voava dançarina  
na sombra da madrugada.

Vagou o imenso sertão  
vida, lágrima caída  
partiu chorando tristeza  
acenando despedida  
flor que seca de saudade  
pela idade destruída.

Seu pai sangrado de dor  
palmilhou as cercanias  
enfrentou longos estios  
também grandes invernias  
contou nos dedos os nomes  
de diversas sesmarias.

Dez anos depois voltou  
áquele mesmo lugar  
um olho secou de triste  
depois de tanto chorar,  
não encontrando Sofia  
viu sua vida amofinar.

Sangrou-lhe o coronel  
cobrando o acordo lavrado  
Zé Gusmão não reagiu  
para se sentir honrado  
decidiu-se pela morte  
por já está condenado.

Morreu e se encantou  
no vento da noite escura  
mas antes rogou uma praga  
já cavei minha sepultura  
mas Sofia pagará  
com sua alma, minha agrura.

A maldição que lançou  
veio num verso rimado  
Sofia teria um filho  
que nasceria envultado  
com o cordão umbilical  
ao mal destino, enlinhado.

Peregrinava Sofia,  
ferida pela saudade  
até que um dia encontrou  
o pouso da insanidade  
morreu numa gruta escura  
sonhando com a claridade.

Na tal gruta, habitava  
uma serpente raivosa  
que ali, há muitos anos  
de forma misteriosa  
escondia-se do mundo  
muito sutil e artilosa.

Vendo a morte de Sofia  
orquestrou sem compaixão  
aproveitando depressa  
aquela situação  
esperou ela morrer  
semeou sua perdição.

A voz de um encantamento  
soprou-lhe no seu ouvido  
essa donzela aqui traz  
da má sorte o estampido  
faça logo a sua parte  
pro destino ser cumprido.

Ela adentrou em Sofia  
e chocou um ovo gouro  
dizendo para si mesma  
“ esse filho é um tesouro  
por encanto vai nascer  
reluzente que nem ouro”

E de fato aconteceu  
do menino ali nascer  
encantado como a mãe  
sem nunca poder crescer  
sepultado lá na gruta  
sem o mundo conhecer.

Muitos anos são passados  
desde a morte da donzela  
todo mundo se entristece  
com a sorte triste dela  
essa lenda, uma lição  
muito triste nos revela.

Diz o povo, em todo canto  
pra essa gruta encontrar  
três sonhos seguidos, bastam  
e a serpente vem contar  
onde fica a sua morada  
no mais remoto lugar.

A cobra pede a pessoa  
que toque a língua na sua  
o vento da meia noite  
assobiando insinua  
uma entrada secreta  
que segue o lume da lua.

Detrás de uma grande pedra  
lá dentro da escuridão  
ouve-se um choro triste  
seguido de um trovão  
Sofia acalanta o filho  
com uma bonita canção

É preciso ter coragem  
para o tesouro pegar  
pois dentro da gruta escura  
ninguém consegue enxergar  
e a alma de Zé Gusmão  
é a guardiã do lugar.

Na mão direita segura  
uma espada reluzente  
grita louco ensandecido  
com sua alma doente  
“ninguém no mundo terá  
desse tesouro a semente”.

Na mão esquerda, seu neto  
sustenta bem rancoroso  
“ a maldição que lancei  
tem o travo poderoso  
feito com o sumo do ódio  
mais terrível e venenoso.”

Quem já tentou esse feito  
de conquistar o tesouro  
naquela gruta encantada  
só obteve desdouro  
pois até hoje ninguém  
se apossou daquele ouro.

Essa estranha maldição  
poderá se acabar  
se alguém muito valente  
sutilmente planejar  
interromper todo encanto  
que há naquele lugar.

Dentro do olho da cobra  
está a explicação  
para poder pôr um fim  
a tamanha maldição  
quem quiser o tal tesouro  
siga essa instrução.

Se a serpente aparecer  
três vezes pra lhe mostrar  
onde fica a sua gruta  
é melhor se preparar  
ponha na mente o que digo  
para poder triunfar.

Ao tocar na língua dela  
diga assim: Seu Zé Gusmão  
sei que você hoje habita  
o olho da escuridão  
diga onde fica a gruta  
e esqueça a maldição.

A serpente nesse instante  
sentirá imensa dor  
então volte a repetir  
“Zé Gusmão, faça o favor,  
Perdoe logo Sofia,  
pra seu ódio virá flor”

Somente assim a serpente  
indicará o caminho  
que leva a gruta encantada  
de Sofia, o triste ninho,  
e voará levemente  
transformada em passarinho.

A gruta da grande Serra  
o lugar do encantamento  
brilhará como uma broca  
acesa no firmamento  
indicando o rumo certo  
sem penúria ou sofrimento.

Na porta da gruta, empurre  
a pedra, com uma só mão  
dizendo : “ aqui eu chego  
por ter um bom coração  
Zé Gusmão mandou dizer  
que acabou-se a maldição.

Somente assim o tesouro  
ao coronel pertencente  
poderá ser retirado  
puro ouro reluzente  
da estátua de um menino  
que segura uma serpente.

Fim

## A TRISTE ESTÓRIA DE ROSAFLOR

Como manda a tradição  
Vou contar nesse cordel  
estória de encantamento  
Entre a Terra e o Céu  
Sobre uma linda donzela  
E o seu destino cruel.

Nesse mundo de meu Deus  
Tudo pode acontecer  
Todos sabem muito bem  
Que o tempo vive a correr  
Uns nascem para cantar  
Outros nascem pra sofrer.

Numa fazenda distante  
Chamada de Santarém  
Longe mesmo do olhar  
De quem vai e de quem vem  
Nasceu uma linda menina  
Os anjos disseram: amém!

O seu nome: Rosaflor  
Foi por seu pai escolhido  
que Deus, lhe conceda graças  
Meu lindo fruto colhido,  
Na manhã da minha vida,  
De aroma, preferido...

Seu pai dizia a todos:  
“ Rosaflor é a primavera  
Que resolveu florescer  
No sertão da minha espera  
É feito o raio do sol  
Aceso numa quimera”

Crescida ali no sertão  
Rosaflor ganhou perfume  
Era a alma mais bonita  
Sem dor, tristeza ou queixume  
Mas sua beleza um dia  
Despertou grande ciúme.

Na fazenda Santarém  
Habitava um coronel  
Era tirano e malvado  
Invejoso e tão cruel  
Que decidiu assumir  
O mais perverso papel.

Naquele ano de Seca  
O coronel Malaquia  
Chegou para Avelino  
Que por ali residia  
E disse: Não quero mais  
Você nessa freguesia...

Avelino, desgostoso  
Ao coronel retrucou  
“quero saber o porque  
Que agora tudo mudou?”  
\_\_ Não interessa saber!  
O coronel lhe falou.

Não quero você aqui  
Pois só ajo com furor..  
Vá embora bem depressa  
E não me peça favor  
Você e a sua família  
E sua filha Rosaflor..

Avelino ficou triste  
Lhe doeu no coração  
Ouvir aquelas palavras  
Numa triste ocasião  
Nunca esperou receber  
Tamanha ingratidão.

O coronel deu dois dias  
Pra Avelino ir embora  
Dizendo: “Se o tempo muda  
Quem é feliz logo chora  
Aqui não dou mais guarida  
A quem não tem uma penhora”.

Nisso, Avelino falou:  
“O que então você quer  
Lido com tudo enquanto  
Topando o que vier  
É só você me dizer  
Eu lhe dou o que quiser”.

O coronel, num sorriso  
Tratou então de falar  
“Do que é seu, tenho querer  
Num certo visgo de olhar  
Quero ter por minha posses  
Rosaflor...Você me dar?”

Interrogando Avelino  
Com certo ar de nobreza  
Disse mais: Eu tiro todos  
Dessa vida de pobreza  
Casando com Rosaflor  
Acaba sua tristeza.

Como tudo nessa vida  
É feito como convém  
Avelino concordou  
Por não ter nenhum vintém  
Entregou a sua filha  
Pro dono da Santarém...

Ao chegar em sua casa  
Rosafior então sorriu  
Dizendo: “meu velho pai  
Lhe vendo me alivio”  
Mas ela sentiu no corpo  
Um estranho arrepio.

Seu pai tratou do assunto  
Que teve com Malaquia  
Da promessa que ele fez  
De agir sem covardia  
Casando com Rosafior  
Pra ele ter alegria.

Rosafior não quis saber  
De cumprir triste destino  
Não vou eu me entregar  
A coronel tão ladino  
Mil vezes prefiro a morte  
A esse velho assassino.

Malaquia, o coronel  
Esperou a decisão  
Pra saber como seria  
Sua sagrada união,  
Mas ouviu de Avelino  
Que Rosaflor, disse não.

No olhar do coronel  
Uma vingança raiou  
Seu coração já perverso  
Muito mais se agoniou  
E ele um plano triste  
De crueldade criou.

Naquela mesma manhã  
Avelino sem demora  
Pegou estrada e se foi  
Sem rumo ao vago da hora  
Da fazenda Santarém  
Para sempre foi embora.

Ao cabo daquele dia  
A família se arranchou  
Debaixo duma oitica  
Que pela estrada encontrou  
E de ali passar a noite  
Todo mundo concordou.

O coronel Malaquia  
No seu plano de vingança  
Acompanhou a família  
No rumo da retirada  
Preparando para ela  
Uma terrível herança.

Esperou que Avelino  
Já estivesse deitado  
Foi nele o primeiro tiro  
Sem piedade ou enfado  
O grupo de retirante  
Acordou atordoado.

Matou também D.Rita  
Que era a mãe de Rosafior  
José seu irmão caçula,  
Chico, Antônio, e Aldenor  
A chacina foi completa  
Numa sanha de terror.

Poupou a linda donzela  
Pois essa não quis matar  
Prendeu-lhe á seu cavalo  
Para poder lhe levar  
á fazenda Santarém  
Para com ela morar.

[

Mas antes, ele enterrou  
Os corpos, num de repente  
Sem remorso, sem desculpa  
Com seu olhar reluzente  
Malaquia, o coronel  
Tinha alma de serpente.

Levando então Rosaflor  
Para aquela triste morada  
Deu a ela triste sina  
Pois vivia condenada  
Num quarto frio e escuro  
Era ela aprisionada.

Ano após ano, sozinha  
Padecendo precisão  
Não via o sol nem a lua  
Naquela triste prisão  
E o coronel lhe dizia:  
“Isso é culpa de um não”

“Você poderia agora  
Ser uma mulher bem feliz  
Perfumada e bem vestida  
Sem ter essa cicatriz  
Mas assassinou seus pais  
Na hora que não me quis.”

Cinco anos já passados  
Daquela grande tristeza  
Rosafior não tinha mais  
Exulberante beleza  
Maltrapilha, indigente  
Sofrendo grande tristeza.

O coronel foi pra lida  
Na sua extensa fazenda  
Era um ano de fartura  
E ele cuidava da renda  
A Santarém invernada  
Era um rica vivenda.

E Ninguém desconfiava  
De Rosafior, o destino  
Pois Malaquia escondeu  
O seu crime e desatino  
Quase ninguém mais lembrava  
Do nome de Avelino.

Mas há um velho ditado  
Que no tempo não se apaga  
Quem com ferro um dia fere  
O mesmo ferro lhe afaga,  
Quem aqui pratica o mal  
Aqui mesmo um dia paga.

Para prender Rosaflor  
O maldito coronel  
Tapou portas e janelas  
Pra criar um mausoléu  
Onde a pobre donzela  
Provava o sabor de fel.

Mas como chovera muito  
Naquela grande invernia  
As águas foram escavando  
O barro e a pedraria  
Que sustentavam o reboco  
Da escura moradia.

De maneira que um dia  
Um sabiá cantador  
Encontrando uma fresta  
Aberta, trouxe o sabor  
De um canto tão bonito  
Que acordou Rosaflor.

A donzela então sorriu  
E ficou muito contente  
“Talvez seja Deus querendo  
Meu destino diferente”  
O passarinho então disse:  
\_\_Trago a você uma semente!

Rosaflor admirada  
Ficou sem acreditar  
“ sei você é encantado  
Ou estou a delirar,  
pois nunca vi nessa vida  
um passarinho falar”...

o Sabiá então disse:  
venho com uma missão  
é meu dever lhe salvar  
dessa medonha prisão  
e também fazer justiça  
lhe tirar da solidão.

Rosaflor suspirou forte  
E enfim tudo entendeu  
Sua sorte era mudada  
Mudado o destino seu  
Um grande milagre a ela  
Deus, por certo, concedeu.

O passarinho se foi  
Pela fresta, entreaberta  
Por onde uma luz divina  
Demonstrava como certa  
A estrada, para ela  
Certamente ser liberta.

Só havia uma maneira  
De fugir lá da prisão  
Era só ficar á espera  
De uma boa ocasião  
Quando passasse alguém  
Para chamar atenção.

Antes não havia como  
Pois a parede impedia  
e o som de sua voz  
lá de dentro não se ouvia  
mas agora pela fresta  
ser escutada, podia.

Muitos dias se passaram  
Rosaflor ali trancada  
Todo dia o passarinho  
Vinha de alma emplumada  
Cantar pra ela ouvir  
E ficar mais animada.

Foi então que um certo dia,  
Ela avistou vindo alguém,  
E começou a gritar:  
“Por favor me faça o bem  
Pois sou eu uma prisioneira  
Da fazenda Santarém.”

O nome do lavrador  
Que foi por ela avistado  
Era então João Antônio  
Um jovem forte e honrado  
que muito depressa foi  
atender ao seu chamado.

Ela enfim contou-lhe tudo  
Sobre sua triste sina  
A malvadeza que fez  
Aquele alma assassina  
Do coronel que um dia  
Cometeu uma chacina.

As covas de seus parentes,  
Disse a ele onde encontrar  
E procurasse a justiça  
Para o coronel pagar  
Pelo que fez, por vingança,  
Naquele triste lugar.

Falou também, por favor:  
“ Me tire dessa prisão  
Pois não sei há quanto tempo  
Convivo com a ilusão  
Que é sair desse lugar  
Onde passo precisão”

João Antônio então lhe disse  
“Não sei se você aguenta  
Aqui passar outra noite,  
Nessa sela fedorenta?  
Pois pra salvá-la preciso  
Trazer uma ferramenta”

“Não durma um só segundo  
Assim que raiar o dia,  
Eu vou trazer uma chibanca  
Que há lá na ferraria  
E vou salvar sua alma  
Das garras de Malaquia”

Dizendo assim, foi embora  
E Rosafior, concordou  
Ela então não dormiria  
Do jeito que ele falou  
Para poder se salvar  
Pois seu destino mudou.

Eram quase cinco horas  
Quando ouviu uma pancada  
João Antônio estava ali  
Ao raiar da madrugada  
Para salvar da prisão  
A donzela maltratada.

Uma hora se passou  
Naquele triste labor  
Até que enfim, João Antônio  
Enfim, salvou Rosaflor  
Que escapou da prisão  
E de um destino de dor...

Os dois fugiram dali  
Para poder preparar  
Um bom plano de vingança  
Para o coronel pagar  
Os seus crimes tão medonhos  
E não poder escapar.

Já á tarde, o Coronel  
Ao terminar sua lida  
Na fazenda, foi rever  
A prisioneira querida  
Mas tal não foi a surpresa  
Que arrasou a sua vida.

Espumando enfurecido  
Malaquia lamentava:  
“Como pôde ela escapar  
Se tão presa ela estava?”  
Feito um louco, muito triste  
Chorando se perguntava.

“ Agora o que eu farei  
E se alguém descobrir  
Os crimes de assassinato?  
Sei não vou me iludir  
O que tenho que fazer  
É de Santarém, fugir!”

Com a alma arrebatada  
Pelo remorso mordaz  
O coronel, lamentava  
Pois era tarde demais  
Com Rosaflor, por aí  
Ele não teria paz...

Decidiu por ir embora  
Até que tudo acalmasse  
Procuraria o direito  
Que dele se ocupasse  
Para não ir pra cadeia  
e da prisão escapasse.

Só que João Antônio fez  
Uma perfeita diligência  
Procurou logo a justiça  
Com calma, com paciência  
Cobrando que o coronel  
Pagasse sem indulgência.

O delegado Josias  
Aceitou a alegação  
Dizendo: “há muito tempo  
Faço minha obrigação  
Rico, pobre, preto ou branco  
Se deve, paga em prisão.”

Ao encontrar cada cova  
Dos mortos, disse também:  
“hoje mesmo eu ponho as mãos  
No dono da Santarém,  
Para pagar por seus crimes,  
E não matar mais ninguém”

Falou e fez, com certeza  
Pra conseguir seu empenho  
Encontrou o coronel  
Escondido no engenho  
Disse: “Malaquia agora  
Eu vou dizer ao que venho”.

“ Você vai para prisão  
Pagar por sua maldade  
Por ter matado uma família  
Devido a sua ruindade  
Escravizando uma menina  
Deixando-a, na orfandade”

O coronel poderoso  
Indefeso, só chorava  
Pois sabia que jamais  
Daquela sorte escapava  
Assumir todos seus erros  
Era só o que restava.

O coronel foi a júri  
Nas barras do tribunal  
Por cada morte pegou  
Sentença descomunal  
Quarenta anos cumprindo  
O seu destino tão mal.

Morreu depois de dez anos  
Vendo o sol nascer quadrado  
Todos dizem, que á noite  
Não dormia, assombrado  
Pedindo desculpa a Deus  
Gritando desesperado.

Rosaflor, agradecida  
Com João Antônio casou  
E partiu para bem longe  
Pra Santarém não voltou  
Construindo uma nova vida  
Esquecer tudo, tentou...

Mas as marcas do passado  
Era uma acesa ferida  
E ela sempre ficava  
As vezes entristecida  
Pois a tristeza da perda  
É um beco sem saída.

Ela com João Antônio  
Conheceu o que é o amor  
seu passado de agonia  
E o seu destino de dor,  
Como uma cruz que carregava  
Com tristeza Rosaflor.

Fim

## A BOTIJA ENCANTADA DA SERRA DO CACHIMBO

Há quem conte essa lenda  
De modo misterioso  
Revelando a narrativa  
Com sotaque fabuloso  
Deixando por sobre a Terra  
Certo rastro de trancoso.

Mas venho nesse cordel  
Recontar a tradição  
De um caso muito antigo  
Que se passou no sertão  
Uma botija encantada  
Me serve de inspiração.

Conta a lenda que havia  
Num lugar muito distante  
Nos idos de antigamente  
Um certo João Infante  
Coronel rico e perverso  
Prepotente, ignorante.

Era ele, o mandarim  
Da extensa sesmaria  
Lá da Serra do Cachimbo  
A maior da freguesia  
Seu poder, naquele sonho  
Enfrentar ninguém podia.

Casado com uma mulher  
Muito linda e caridosa  
Chamada de Consuelo  
De alma doce, bondosa  
Que nas mãos do coronel  
Tinha vida, desditosa.

Consuelo só casara  
Com o dito coronel  
Porque seu pai, Furtuoso  
Lhe fizera esse papel  
Dando assim a sua mão  
Sem senão, sem escarcéu.

O coronel, para ela  
Até era dedicado  
Por ser ele temporão  
E ela, um anjo delicado  
Mas usava o carrancismo  
Como arma de malvado.

Consuelo lhe pedia:  
- Aja enfim, com nobreza  
Não se pode maltratar  
Quem já vive na pobreza  
É melhor plantar semente  
De amor e de beleza.

E ele, já irritado  
Quase sempre lhe dizia:  
\_\_Sou eu que mando aqui  
Nessa grande serrania  
Não tenho pena de pobre!  
Era assim que respondia.

Mas na vida, um dia tudo,  
Muda de rumo e lugar  
Consuelo muito linda  
Logo depois de acordar  
Sentiu-se mal e morreu  
Sem se poder, explicar.

O coronel, muito rico  
Isso nunca aceitou  
Prepotente e arrogante  
O bom Deus, logo xingou  
Praguejando contra tudo  
Porque se desesperou.

A sua linda esposa  
Partiu pra eternidade  
O povo ali dizia  
Tudo é culpa da maldade  
Desse coronel, ladino,  
Que só semeia, ruindade.

O coronel lamentava  
A morte de Consuelo  
Dizendo: agora sim  
Eu desato esse novelo  
Vou ser o homem mais ruim  
Sem culpa e sem apelo.

Enlouquecido de dor  
Começou a semear  
O seu rastro de ruindade  
Em todo canto e lugar  
Sua palavra era lei  
Pra prender ou pra matar.

Durante anos e anos  
Ele assim procedeu  
Até que um dia, a notícia  
De doença, recebeu  
Passado apenas um mês  
João Infante, faleceu.

Como não deixara filhos  
Pra herdar nenhum tostão  
João Infante, planejou  
Numa certa ocasião  
Esconder sua fortuna  
Em um buraco no chão.

E ao ver que sua morte  
Não poderia evitar  
Chamou então dois capangas  
Pra juntos, irem cavar  
Um buraco muito grande  
Em um distante lugar.

Durante duas semanas  
Esse serviço foi feito  
E entregue ao coronel  
Que ficou bem satisfeito  
Mas só ele e Deus, sabiam  
O que escondia em seu peito.

E assim que recebeu  
Dos capangas aquela obra  
O coronel então fez  
Uma perversa manobra  
Matou os dois, demonstrando  
A sua alma de cobra.

Enterrou os dois ali  
Sem nenhuma piedade  
Dizendo: \_\_É isso mesmo  
Que merece a humanidade  
Tudo que eu construí  
Vou levar pra eternidade.

Quatro dias trabalhou  
Para levar o tesouro  
Enterrando a fortuna  
Dinheiro, prata e ouro  
Condenando sua alma  
A viver, num triste agouro.

Depois que fez o serviço,  
Numa manhã invernosa  
João infante, morreu  
De forma não gloriosa  
Partiu deixando na Terra  
Botija misteriosa.

No sertão, constantemente  
É comum sempre encontrar  
Quem relate que sonhou  
Consuelo vir contar  
Onde se encontra a botija  
Dizendo o exato lugar.

Mas quem tentar, com certeza  
Tem que ter bom coração  
Pois na botija, encantada,  
Existe a assombração  
Do coronel João Infante  
Lhe fazendo proteção.

Quem quiser ficar bem rico  
Basta pegar uma enxada  
Benzer ela sete vezes  
Numa curva de estrada  
E cavar em busca do ouro  
As duas da madrugada.

Quando o coronel chegar  
Dizendo um despautério  
É só falar: \_\_Aqui chego  
Pois sou valente e sério  
Coronel João Infante  
Seu lugar é o cemitério.

Depois disso, com as mãos  
Pegue a terra do chão  
E diga: \_\_Ó Consuelo  
Eu lhe devo gratidão  
Mostre pra mim a botija  
Escondida no sertão.

Só se assim proceder  
Poderá então tirar  
Do coração dessa serra  
O tesouro do lugar  
Puro ouro reluzente  
capaz até de cegar.

Mas se acaso esquecer  
Esse relato que fiz  
Quem buscar essa botija  
Ficará muito infeliz  
Se enterrará lá na cova  
Se diz o diz-que-se-diz.

Pois o coronel, só quer  
Aumentar o seu tesouro  
E ele somente, aumenta  
Devido tanto desdouro  
Pois que fracassa, então vira  
Uma moeda de ouro.

Fim

## A LENDA DA NOIVA DAS ÁGUAS

Existem muitos mistérios  
Envolto na ventania  
Enlilhados na neblina  
Nas tábuas das serranias  
Esquecidas pelo tempo  
Nas asas da poesia.

O sertão tem os seus mitos  
Mitologias sagradas  
Suas lendas, suas estórias  
Contadas e recontadas  
Tradições tão fabulosas  
Que são até encantadas.

Aqui eu conto a lenda  
De uma certa Maria  
Muito jovem, muito linda  
Que no sertão residia  
Mas um destino cruzado  
Trazia, mas não sabia.

No ano de vinte e sete  
Lá do século passado  
Na fazenda Jericó  
Do Ceará, o estado  
Nasceu Maria tão bela  
De todo mundo, o agrado.

Era a filha caçula  
De João Alexandrino  
Um lavrador muito esperto  
Que cumpria seu destino  
Trabalhando na lavoura  
Todo o dia, o sol a pino.

Quando Maria se fez  
Mulher, já quis encontrar  
Alguém para construir  
Uma família, um lar  
E com José Filomeno  
Ela decidiu casar.

Seu pai logo aceitou  
Que aquele sacramento  
Poderia acontecer  
Sem temor, ou sofrimento  
Concordou em fazer logo  
Entre os dois, o casamento.

Mas tudo na vida tem  
Um porém, um dissabor  
Na vila de Jericó  
Nasceu intenso rancor  
Da parte do coração  
de Patrício Bravo Lavor.

Era ele um homem rico  
Um grande comerciante  
Dono de terras e fortuna  
Exímio negociante  
Casado com Dona Rita  
Mas gostava de amante.

Por ser rico e poderoso  
“Tudo que via queria  
Nada que existe no mundo  
Foge a minha fidalguia  
O que o dinheiro comprar  
É pra minha serventia”

Ao saber da intensão  
De Maria se casar  
Patrício Bravo Lavor  
Com o pai dela foi tratar  
Dizendo: \_\_Quero sua filha  
Se quiser, posso comprar.

-É só dizer quanto é  
Eu pago pela donzela  
Sou um homem muito rico  
Quero ser o dono dela  
Uma fazenda lhe dou  
Pra ter a sua tutela.

Aquela grande afronta  
Na alma de Alexandrino  
Troou como uma trombeta  
De um arcano divino  
Que fez ele então provar  
Um cruento desatino.

Disse ele: - Seu Patrício  
Não vivo pelo dinheiro  
Não há fortuna que compre  
De Maria o doce cheiro  
Ela será de Filomeno  
Que pediu ela primeiro.

Além do mais o senhor  
Já é um homem casado  
Como quer a minha filha  
Convivendo do seu lado?  
Por tudo que é sagrado...

Dizendo assim, se foi  
Cabisbaixo, descontente  
Patricio Bravo ficou  
Com sua alma doente  
Atinou que precisava  
De um plano diferente.

Tratou de bolar um plano  
Macabro, triste e sagaz  
- Vou matar a Filomeno  
Aquele pobre rapaz  
Depois eu compro Maria  
Pra viver a vida em paz.

Mas pensou também assim:  
- Não fico de alma aflita  
Preciso encontrar um jeito  
É de livrar-me de Rita  
Se acaso eu ficar viúvo  
A coisa fica bonita.

E desse jeito então fez  
Uma tremenda insanidade  
Esperou que sua esposa  
Fosse um dia pra cidade  
Na volta livrou-se dela  
Com requinte de maldade.

Matou também Zé Antônio  
Que tinha ido com ela  
E jogou os dois ali  
À beira de uma cancela  
Dizendo: - estou solteiro  
Acabou minha novela!

A morte de Dona Rita  
Foi motivo de tristeza  
Patrício muito fingido  
Demonstrava ter nobreza  
Chorava dizendo assim  
- Acabou-se minha riqueza!

Pra todo mundo falou  
- Quero pegar o ladrão  
Que matou minha esposa  
Eu pago até um milhão  
Pois que fez essa maldade  
Não tem alma e coração.

Após passados dois meses  
Ele de novo insistiu  
- Vim aqui tratar assunto  
Pra ver se me alivio  
Quero Maria pra mim  
Sem senão e sem desvio.

Alexandrino agora  
Eu estou na enviuvez  
Sozinho na solidão  
Cumpro sina há mas de mês  
Já cansei de esperar  
Quero Maria de vez...

O pai da moça, então  
Respondeu num de repente  
O senhor, com sua conversa  
Me falando novamente  
Maria já está noiva  
E se casa certamente.

Pegue todo o seu dinheiro  
Compre o ouro que quiser  
Sou pobre, porém honrado  
Eu aceito o que vier  
Guerra ou paz, porque Maria  
Não será sua mulher.

Patrício sentiu bem forte  
A dor da desolação  
Logo ele que ali era  
Dono de todo o sertão  
Um ódio maior que tudo  
Cresceu em seu coração.

Preparou sua vingança  
Com calma, com covardia  
Dizendo: - Se não é minha  
Não vai ter mais alegria  
Vou matar a Filomeno  
Alexandrino e Maria.

No dia do casamento  
Planejou uma emboscada  
Esperaria que a festa  
Já estivesse acabada  
Para enfim poder sorrir  
Ao ferir a sua amada.

Esperou a hora certa  
Pra não haver desengano  
Quando a festa acabou  
Ele executou seu plano  
Mostrando a sua face  
De desalmado e tirano.

Na casa velha encontrou  
Uma porta escancarada  
Alexandrino estava  
Limpendo sua morada  
Nisso viu quando Patrício  
Entrou fazendo zuada.

- O que é isso? Perguntou  
O que vem aqui fazer?  
Já lhe disse que cumpri  
Como pai o meu dever  
Maria é mulher casada  
Nada mais podes fazer.

Mas Patrício respondeu  
- Sua sorte hoje definha  
Dava à Maria riqueza  
Uma vida de rainha  
Eu vim aqui pra matá-la  
Porque não quis ser só minha.

Nisso puxou uma peixeira  
E matou Alexandrino  
Dona Tereza também  
Teve o mesmo destino  
Os pais da bela Maria  
Morreram, perderam o tino.

Filomeno ao escutar  
O choro, o alarido  
Saiu do quarto e lutou  
Com Patrício destemido  
Mas também, caiu por terra  
Foi mortalmente ferido.

Maria ainda vestida  
De noiva correu ligeiro  
Pela porta da cozinha  
E sumiu pelo terreiro  
Patrício logo seguiu  
Seu rumo, seu paradeiro.

Na catingueira florida  
Por conta da invernã  
Patrício corria atrás  
Querendo matar Maria  
Na noite escura, sem lua  
Ele a moça perseguia.

Chegaram os dois então  
Num grande despenhadeiro  
Lá embaixo imensas pedras  
Dum riacho corredeiro  
Patrício alegre sorriu  
Com seu olhar traiçoeiro.

Maria chorando disse:  
- Pelo meu Deus salvador  
Você irá pagar  
A culpa de seu torpor  
E a justiça divina  
Vai lhe trazer grande dor.

Nem um dedo em mim  
Você jamais tocará  
Não serei sua com vida  
E você se lembrará  
Que a minha dignidade  
Dinheiro não comprará.

Maria saltou depressa  
No rumo da escuridão  
Seu corpo lindo voou  
Pra dentro da imensidão  
E ninguém mais nunca viu  
Maria lá no Sertão.

O povo contando diz  
Que desde aquele dia  
Lá no riacho aparece  
A assombração de Maria  
Chorando, se lamentando  
De Patrício a covardia.

Ela canta uma cantiga  
Muito triste e chorosa:  
- Já fui a moça mais linda  
Doce, meiga carinhosa  
Mas hoje cumpro visagem  
De forma misteriosa.

Patrício enlouqueceu  
De remorso e sofrimento  
Numa viola cantava  
Sua estória seu lamento  
Pro povo da região  
Não deixar no esquecimento.

Morreu um dia sozinho  
Numa tapera abandonada  
Vendo a alma de Rita  
Numa curva de estrada  
Sem paz, perdão, indulgência  
Virou uma alma penada.

Que passa em Jericó  
Num imenso boqueirão  
Logo ver uma oiticica  
Cercada de cansansão  
Todos dizem que é lá  
Onde mora a solidão.

Quando é noite de luar  
O vento desenha as fráguas  
De um véu muito bonito  
Tecido com muitas mágoas  
E o vestido encantado  
Da velha noiva das águas.

Fim

## A VINGANÇA DE JOÃO VALENTE

Nesse mundo de meu Deus  
Quem é vivo sempre erra  
Não há mal que sempre dure  
Nem paz que não traga guerra  
Cada um traz seu destino  
Pra cumprir aqui na Terra.

Na lira desse cordel  
Cuja sorte me inspira  
Trago a estória de João  
Sua sina, sua ira  
E a triste valentia  
Que todo mundo admira.

João Valente, o seu nome  
Herdado por aventura  
É epíteto bem certo  
Que desconhece ternura  
No seu enalço de morte  
Foi o senhor da bravura...

Era filho de José  
Otaviano Sobrinho  
Um lavrador sertanejo  
Que lutou sempre sozinho  
Para educar seus filhos  
No mais perfeito caminho.

Seu José Otaviano  
Camponês de calo e lida  
Trabalhava prazenteiro  
Sempre bem feliz da vida  
Era com o suor do rosto  
Que pagava sua comida.

Casado com Idalina  
Uma bonita mulher  
Vivia bem satisfeito  
E dizia: O que vier  
De trabalho, topo tudo  
É assim quando Deus quer.

As terras em que trabalhava  
Herdada por Idalina  
Era um campo de baixios  
Pequena, com uma campina  
Com pequeno açude  
De água doce e cristalina.

Seu sogro, de bom agrado  
Fizera repartição  
Uma parte pra Idalina  
Para não causar questão  
Deu outra para Idelfonso  
Severino, seu irmão.

Quando enfim, morreu Josias  
Seu sogro, pai de Idalina  
O anjo da noite escura  
Desenhou a sua sina  
Mostrando de Idelfonso  
Sua alma assassina.

João Valente e seu pai  
Ficaram acabrunhado  
Pois Josias era bom  
Trabalhava sem enfado  
Todo dia, o dia todo  
Sempre rindo de bom grado.

Se passou apenas um mês  
Idelfonso procurou  
Seu José Otaviano  
E logo lhe intimou :  
- Eu vou precisar das terras  
Que meu pai lhe emprestou.

Otaviano lhe disse:

- A terra é uma herança  
De sua irmã, Idalina  
Desde quando era criança  
De modo que esse assunto  
Não merece confiança.

Idelfonso enfezado  
De uma forma traiçoeira  
Sem avisar ao cunhado  
Puxou a faca peixeira  
Mantando Otaviano  
De forma vil e certa.

Na frente de Idalina  
E dos filhos do casal  
Idelfonso praticou  
Um ato descomunal  
E disse: - Agora mesmo  
Arribem desse quintal!

Montado em seu cavalo  
Num galope incomum  
Deixou aquela família  
No mais triste desejo  
Uma dor igual aquela  
Mata os sonhos, um a um...

A viúva percebeu  
não havia outro jeito  
não tinha como lutar  
contra aquele sujeito  
foi embora com seus filhos  
trabalhar em outro eito.

Tinha João quatorze anos  
Quando viu seu pai morrer  
Era franzino, sem forças  
Nada podia fazer  
Mas jurou, uma vingança  
Seu tio iria conhecer.

A vida de João Valente  
Foi feita de embaraço  
Passou frio, passou fome  
Na tristeza, no mormaço  
Quando fez dezoito anos  
Ele entrou pro cangaço.

Antes a triste lembrança  
Dos seus irmão lhe consome  
Enterrados na indigência  
Sem sorte, sem sobrenome  
E sua mãe Idalina  
Exausta morrer de fome.

A jura que vingaria  
Cada um, sua dor  
João Valente com fúria  
Virou grande matador  
Seu calibre era destreza  
Do mais forte atirador.

No cangaço onde vivia  
Era tido e havido  
Nos combates sem era  
Muito bravo e destemido  
Não errava um só tiro  
Não perdia um estampido.

Foi muitas vezes ferido  
Por balas e por punhais  
Mas tinha o corpo fechado  
Para morte e funerais  
Dizia: eu nunca caio  
Nas barras dos tribunais.

Um dia depois de uma sanha  
Nas lidas lá do cangaço  
João Valente falou:  
- Vou buscar um novo espaço  
De Idelfonso meu tio  
Vou arrancar o espinhaço!

Pedi licença á seu chefe  
Virgulino Lampião  
Dizendo: tenho pendência  
Pra resolver no sertão  
Por isso estou indo embora  
Considerado patrão.

Lampião disse: João  
Vá embora confiante  
Ao lavar a sua honra  
Não vacile um só instante  
É assim como vivemos  
Toda hora a cada instante.

Estava ele na Bahia  
E rumou pro Ceará  
Pensando esse meu tio  
Com certeza pagará  
Todo mal que me causou  
Por certo se lembrará.

Um mês depois se achegou  
Na fazenda Buriti  
Terra boa pra cultivo  
Do vale do Cariri  
Um lugar muito bonito  
Distrito de Mauriti.

Pedi guarida a seu tio  
Que logo lhe acenou  
Com um sim lhe dizendo:  
- Jesus Cristo lhe mandou  
Pois estou na precisão  
Da colheita que chegou.

Tenho aqui muito trabalho  
Pra quem gostar de lidar  
Pago o dia de serviço  
Dou teto para morar  
A comida aqui é farta  
Você daqui vai gostar.

O seu plano, João Valente  
Queria fazer direito  
Não por ter medo ou temor  
Mas pra ficar satisfeito  
Idelfonso pagaria  
Palmo a palmo, eito a eito.

No outro dia acordou  
Foi pra apanha de algodão  
Sempre olhando para tudo  
Prestando toda atenção  
Mataria Idelfonso  
De sua mãe, o irmão.

Quando chegou do roçado  
Idelfonso proclamou:  
- A janta será servida  
Minha esposa preparou  
Encham vocês a barriga  
Pois a fome já chegou.

A mulher de Idelfonso  
Tinha com nome, Rosa  
E veio trazendo com ela  
Uma comida saborosa  
E ao seu lado, sua filha  
Muito bonita e mimosa.

Era chamada Maria  
Sua prima adolescente  
Encheu de luz e alegria  
O seu coração doente  
Onde chocava, um ovo  
De tenebrosa serpente.

Maria encheu-lhe o prato  
Com um sorriso singelo  
Encantou-se com João  
Com olhar doce e tão belo,  
João valente voou  
Pra um universo paralelo.

A noite inteira, João  
Ficou aquela agonia  
- Vim aqui fazer vingança  
Contra a grande covardia  
Que meu tio Idelfonso  
Fez comigo, certo dia.

- Não vou eu mudar de rumo  
Por causa de uma mulher  
Amanhã cedo eu cumpro  
O destino que vier  
Mato meu tio e sumo  
Pra outro lugar qualquer.

Mas diz o velho ditado  
Ninguém manda no destino  
Antes mesmo de acordar  
À porta veio um menino  
Dá-lhe então um recado  
q e lhe soou como um hino.

- Maria quer conversar  
Com você pela manhã  
Lhe dizer que te espera  
Cheia de amor e de afã  
É só ir cedo encontrá-la  
Lá no pé de hortelã.

- É preciso ter cuidado  
Pra ninguém desconfiar  
Seu pai está querendo  
Fazer ela se casar  
Com o velho coronel  
Messias de Alencar.

Um fogo invadiu seu peito  
Ele não pôde entender  
Disse: é Deus mudando  
Meu destino, meu viver  
Vou é fugir com Maria  
E essa vingança esquecer.

E desse jeito ele fez  
Sem alarde, sem estouro  
Roubou alinda Maria  
De seu tio, o maior ouro  
Deixando o velho triste  
Submerso no desdouro.

Idelfonso o procurou  
Por todo o imenso sertão  
Por mais de ano insistiu  
Naquela perseguição  
Mas nunca encontrou os dois  
Pra cobra explicação.

Adoeceu de tristeza  
E morreu em frente a porta  
Sentado numa cadeira  
Sozinho, de alma morta  
Com o corpo encricriado  
O pescoço e boca torta

Dizem que ele chamava  
Por José Otaviano  
E dizia : Me perdoa  
Por tamanho desengano  
Cadê Maria? Gritava  
- Já se foi por mais de ano...

João Valente com Maria  
Viveu bastante feliz  
Pra ela nunca contou  
Sua grande cicatriz  
Que seu pai, era seu tio,  
Um assassino infeliz.

Só depois de alguns anos  
Ele voltou com Maria  
Para o Sítio Buriti  
O lugar onde vivia  
E lá viveu muito tempo  
Com saúde e alegria.

Fim

## O MISTERIOSO PÁSSARO DE LUZ E A MOÇA MAIS INFELIZ DO MUNDO

No ano de trinta e um  
Do século que é passado  
Essa estória aconteceu  
Mas é um fato lembrado  
em tudo que é lugar  
é contado e recontado.

Numa vila esquecida  
Escondida no sertão  
Chamada de Arneiroz  
Houve uma encantação  
E o povo contando diz  
Que deixou grande lição.

Nessa vila residia  
Uma moça infeliz  
Que chamava-se Rosana  
É o que todo mundo diz  
Escondia-se de todos  
Por ter uma cicatriz.

Nunca saía de casa  
Não queria ver ninguém  
Dizia: - Ficando só  
É como me sinto bem  
Cada um traz um destino  
É esse que me convém!

O seu pai lhe aconselhava  
- Vamos à missa rezar  
Quem sabe você encontra  
Solução pra seu penar!  
Mas Rosana, respondia:  
- Assim prefiro ficar...

A cicatriz de Rosana  
Era no rosto escrevida  
Quando ele era menina  
Viu mudar a sua vida  
Quando caiu de um cavalo  
Ao pegar uma corrida.

Desde então, ficou Rosana  
Sem saber o que fazer  
Achava-se muito feia  
Ninguém ia lhe querer  
Foi então que decidiu  
Sozinha sempre viver.

Cresceu assim desse jeito  
Com um desgosto profundo  
De dentro de sua casa  
Não saí um só segundo  
Pois Rosana era a moça  
Mais infeliz desse mundo.

Quando contou quinze anos  
A moça então conheceu  
O quanto Deus é bondoso  
E chorando, percebeu  
Que uma missão, para ela  
Com bondade Ele escreveu.

Uma noite ela acordou  
Era alta madrugada  
Quando uma luz bem forte  
Entrou na sua morada  
Era um pássaro brilhante  
Que tinha a voz afinada.

O pássaro disse cantando:  
- É chegada hoje a hora  
De você viajar comigo  
Sem atraso, sem demora  
Vamos salvar quem padece  
E soluçando hoje chora!

Mas Rosana logo disse:  
- Não vou a lugar algum  
Eu devo está sonhando  
Pois não muito comum  
Escutar um passarinho,  
Falante não vi nenhum.

O pássaro de luz falou:  
- Vim aqui numa missão  
Pois você é a escolhida  
Para dar a solução  
A uma guerra medonha  
Numa distante região.

- Como assim?- perguntou ela,  
E quem foi que me escolheu?  
Como é que você sabe  
Que de fato enfim, sou eu?  
Ele disse: - A cicatriz  
Que em seu rosto apareceu!!

Mas Rosana retrucou:  
- Não me faça brincadeira  
Isso foi depois de uma queda  
Que leve, numa carreira,  
É com ela que eu sofro  
E vou penar a vida inteira.

O passarinho insistiu:

- É você a escolhida

Pois não há nesse sertão

Outra flor pra ser colhida

Cumpra então o seu destino

Mude logo a sua vida.

- Venha comigo depressa

Disse ele aperreado.

Precisamos dar um fim

A um grande contestado

Entre o Reino da Invernã

E o Vale Encantado.

- Somente alguém que tenha

O sinal da união

Poderá apaziguar

Os dois reinos em questão

Semeando enfim a paz

Promovendo comunhão.

O passarinho então fez

Um gesto e se calou

Num raio de luz bonita

Rosana se aninhou

Com o pássaro de luz

Serenamente voou.

Como em um passe de mágica  
Chegou num lindo lugar  
Era uma imensa colina  
Bonita de se olhar  
Rosana viu dois exércitos  
Preparados pra lutar.

De um lado havia um rei  
E do outro uma rainha  
O rei do Vale Encantado  
Trezentos mil homens tinha  
E a rainha da Invernia  
O mesmo tanto convinha.

O rei disse:- Já lhe dei  
Toda chance que podia  
Agora derrotarei  
O Reino da Invernia  
E serei o soberano  
De toda essa sesmaria.

Mas a rainha, gritou:  
- Estou aqui preparada  
Hoje você vai saber  
O peso da minha espada  
Respeitará o meu reino  
Virará alma penada!!

Ao notarem o passarinho  
De luz pousado no chão  
Todos então se calaram  
Devido aquele clarão  
E viram que ele trazia  
Alguém, pousado em sua mão.

Esse alguém, era Rosana  
A moça da cicatriz  
Que tinha o sinal sagrado  
Da pena da cordoniz  
Em formato de estrela  
Imitando a flor-de-lis.

O rei falou à rainha:  
- Precisamos conversar  
Vamos parar com essa luta  
Você há de concordar  
Não presença da escolhida  
Não devemos mais lutar.

A rainha concordou  
Dizendo: - Já não há mais  
Motivo pra fazer guerra  
Eu sou você é capaz  
De encontrarmos motivo  
Para vivermos em paz.

Rosana atordoada  
Nada daquilo entendia  
Mas conversou com a rainha  
Do Reino da Invernia  
Que explicou tudo a ela  
A estória que conhecia.

Ouviu também quando o rei  
Disse-lhe bem humorado:  
- Eu sou um rei bondoso  
Lá do Vale Encantado  
E você é a donzela  
Que tem o sinal sagrado.

Somente a cada mil anos  
Nasce uma com essa sina  
Nossos reinos discordavam  
Sobre a água cristalina  
Que corre daquela serra  
Chamada diamantina.

- Quem tem direito a ela  
Nós do Vale Encantado?  
Ou o Reino da Invernia  
Que fica do outro lado?  
Rosana então respondeu:  
- Fique logo sossegado.

- A água que à direita  
Toca as terras da Invernica  
Desse povo então será  
A toda hora do dia  
E a do Vale Encantado  
À esquerda é corredia!

Pra cada terra, uma fonte  
Em cada fonte, um chio  
Cada povo mata a sede  
Gota á gota, fio a fio,  
Á cada reino, uma parte  
Da água que habita o rio.

O povo todo aplaudiu  
As palavras da donzela  
O passarinho falou:  
- Vamos minha moça bela,  
Sua missão foi cumprida  
Disse cantando pra ela.

A volta foi sossegada  
Foi Igual um pensamento  
Pois Rosana parecia  
Voar em um pé de vento  
Chegou em casa de novo  
Naquele feliz, momento.

Daquele dia em diante  
Nunca mais ficou sozinha  
Muito feliz e contente  
Teve a vida que convinha  
Sempre lembrava do rei  
E da bonita rainha.

Casou e teve uma filha  
Deu-lhe o nome de Maria  
Ao filho chamou José  
E criou com alegria  
Sempre contava pros dois  
Estórias de fantasia.

À família ela contava  
Sobre um sonho fabuloso  
Que teve uma certa noite  
Parecida com trancoso  
Sobre um pássaro de luz  
Bonito e misterioso.

O seu pai muito contente  
Sorria com alegria  
Agradecendo a Deus  
Esse sonho de poesia  
Sobre um Vale Encantado  
E o Reino da Invernia.

Fim

## O PASSARINHO DOS TRÊS CONSELHOS E A HERANÇA DE MARIA

Sei que o vento faz curva  
E o tempo vive a passar  
Quem semeia coisas boas  
Nunca vive de chorar  
Mas quem pratica o mal  
Não perde por esperar.

Vou então pedir licença  
A musa da inspiração  
Pra recontar uma história  
Que se passou no sertão  
Nos idos de antigamente  
Perdido na escuridão.

É a estória de Maria  
Uma donzela bonita  
Que mora numa fazenda  
Muito afastada e esquisita  
Que um dia sem esperar  
recebeu uma visita.

Estava Maria triste  
Tecendo num alguidar  
Nisso, ouviu um barulho  
Levantou e foi olhar  
Era um lindo passarinho  
Que acabara de pousar.

Ela demonstrou sorrindo  
Sua imensa alegria  
Dizendo: \_\_Meu passarinho  
Eu te desejo um bom dia  
Vou dar água e alimento  
Pra acabar sua agonia.

Pra sua grande surpresa  
O passarinho falou:  
- Agradeço com certeza  
Mas com sede não estou  
Também não estou com fome  
Disse isso, se calou.

Maria já não sabia  
Nessa hora o que dizer:  
- Como pode um passarinho  
Falar e eu entender?  
Ele disse: - Nesse mundo  
Tudo pode acontecer.

- Maria eu vou falar  
Qual é a minha missão  
Eu vou lhe dar três conselhos  
Pra mostrar-lhe a solução  
E sua vida finalmente  
Encontra a promessa.

Nunca nessa vida faça  
Compromisso sem pensar  
Promessa pra não cumprir  
Pois um dia vai pagar  
Quem deve pode esquecer  
Mas a vida vem cobrar.

O passarinho voou  
lá da casa de Maria  
a moça ficou sozinha  
mas sem sofrer agonia  
nesse dia até cantou  
e recitou poesia.

Perto daquela fazenda  
Onde Maria morava  
A fazenda Xique-Xique  
Dezoito léguas distava  
E um tal de Severino  
Sua beleza admirava.

Severino era viúvo  
Há muito tempo sozinho  
Procurava um alguém  
Para construir um ninho  
Casando terminaria  
O seu triste escarninho.

Ao pai de Maria um dia  
Severino então propôs:  
\_\_Quero casar com sua filha  
E não deixar pra depois  
Tenho planos de futuro  
Para a vida de nós dois.

O velho pai de Maria  
Disse assim: Vou conversar  
Com minha filha primeiro  
Para poder acertar  
Mas lhe digo só dá certo  
Se Maria concordar.

Ao tratar com sua filha  
Sobre aquele sacramento  
Maria logo lembrou  
No auge de um pensamento  
O que disse o passarinho  
Num já passado momento.

Ela disse então: - Meu pai  
Nada posso prometer  
Se eu disser pra esperar  
Algum dia vem me ver  
E resposta positiva  
Certamente vai querer.

- Por isso diga pra ele  
Que fico muito sentida  
Mas não quero me casar  
Essa é minha saída  
Espero que esse não  
Não estrague sua vida.

Severino recebeu  
A resposta com tristeza  
Mas disse ao pai de Maria:  
- Isso é culpa da beleza  
Mas nada posso fazer,  
Disse, com muita nobreza.

Um mês depois, novamente  
O passarinho voltou  
Era já de tardezinha  
Quando Maria encontrou  
Disse assim: - Linda Maria  
O seu destino mudou.

- Agora preste atenção  
Jamis esconda a verdade  
Um não dito na mentira  
Pode semear maldade  
Já um sim com muita fé  
Promove felicidade.

O passarinho partiu  
Maria ficou contente  
Cantarolando feliz  
Muito linda e sorridente  
O passarinho lhe deu  
Um conselho novamente.

Um ano era passado  
E um dia tudo mudou  
Maria ficara triste  
Com tudo que se passou  
Pensava no passarinho  
Que pra ali não mais voltou.

Ouviu baterem na porta  
E foi ligeiro atender  
Era um moço bonito  
Ela ficou sem saber  
O que dizia pra ele  
Num imenso padecer.

O homem sorrindo disse:

- Eu sou um comerciante

O meu nome é Jesuíno

Sou mascate e ambulante

Vais ficar bem mais bonita

De agora em diante.

Maria deu um sorriso

Mas seu pai apareceu

- Aqui em minha morada

É incerto o rumo seu

Dinheiro, que é bom, aqui

Há muito se escafedeu...

O rapaz então falou:

- Pra não perder a viagem

Trago enfim muitas peças

Pra fazer camaradagem

Esses brincos, certamente

Irão fazer boa imagem.

O ambulante perguntou:

- Você é comprometida?

Diga-me, então por favor,

Posso amar-te nessa vida?

Ela disse: com certeza

Já fui por outro escolhida.

O moço então partiu  
Um pouco triste, sem sonho  
Lamentando a linda moço  
Ter destino enfadonho  
Saiu sentindo no peito  
Um desespero medonho.

Maria então se lembrou  
Do passarinho o conselho  
Que pela segunda vez  
Lhe dera em frente dum espelho  
Chorando porque mentiu  
Ficou com o rosto vermelho.

Depois de um soube  
Que aquele ambulante  
Casara-se com uma moça  
De outro sítio distante  
Chamada Maria Rosa  
Filha de João Infante.

Lamentando esse destino  
Disse a si mesmo enfim:  
- Por não seguir o conselho  
Que certo dia a mim  
Deu-me aquele passarinho  
Fiquei nesse farnezim.

Já cansada e muito triste  
Um dia de madrugada  
O passarinho voltou  
Maria estava acordada  
O passarinho falou  
Com sua voz encantada:

- Faça você um vestido  
De seda branca e macia  
Use ele por um dia  
Com saúde e alegria  
Depois estenda ao vento  
E á aragem da ventania.

- Depois disso me escute  
Faça o que eu vou dizer  
A quem primeiro perguntar  
Diga: - Sim! Quero fazer  
Não se importe com o destino  
O bom Deus vai resolver.

Ficou Maria indecisa  
Mas logo fez o vestido  
Vestiu ele por um dia  
Guardando no seu sentido  
No vento e na ventania  
Deixou ele estendido.

Já no finzinho da tarde  
Severino então chegou  
Lá na casa de Maria  
E com ela conversou  
A sua mãe e ao seu pai  
Ele então cumprimentou.

Dizendo: Linda Maria  
Vim aqui só par fazer  
Um pedido, uma pergunta  
Mas não sei como dizer.  
Maria se antecipou  
E disse: Quero fazer!

Nisso o velho Severino  
Muito feliz foi embora  
Certo, Maria honraria  
Sem medo e sem demora  
E uma cova para ele  
Cavaria em certa hora.

Acontece que o velho  
Estava para morrer  
Como ele era sozinho  
Não havia o que fazer  
Veio pedir a Maria  
Para a ele, socorrer.

Quando o velho morreu  
Deixou ele um bilhete  
Escrito em letra miúda  
Para Maria, um lembrete  
Ela então cumpriu o acordo  
E até fez um ramalhete.

No bilhete Severino  
Dizia assim: - Ó Maria  
Tudo que fiz nessa vida  
juro pela luz do dia  
vou deixar para você  
em forma de honraria.

Tenho eu trezentos contos  
Conquistados com bravura  
Dessas terras estou deixando  
Pra você a escritura  
A riqueza que possuo  
Não levo pra sepultura.

E assim Maria herdou  
De Severino a riqueza  
Lamentou não ter notado  
Naquele velho nobreza  
E finalmente saiu  
Da penúria e da pobreza.

Um dia então Jesuíno  
Maria reencontrou  
Estava rica e feliz  
A ele então contou  
Que mentiu aquele dia  
E um compromisso inventou.

Ele disse: - Não importa  
O mundo tem suas leis  
Cada um cumpre uma sina  
Eu só busco a honradez  
Pois agora estou livre  
Pois fique na viuvez.

Maria sorriu contente  
Quando escutou o rapaz  
E aquele passarinho  
Não esqueceria jamais  
Casou e viveu feliz  
Rica de amor e de paz.

Fim

## A CAMA DA BALEIA DA PEDRA DA BATATEIRA

Nesse instante peço a glória  
Da musa da inspiração  
Para narrar uma história  
Fruto da imaginação  
E nesse cordel que fiz  
Conto o diz-que-se-diz  
Duma lenda do sertão.

Há muitas luas passadas  
Chegava nesse lugar  
Um povo bravo, guerreiro  
que gostava de lutar  
Era a nação Kariri  
Que se instalou por aqui  
e vieram pra ficar

Expulso de suas terras  
Um lindo lago encantado  
Esse povo retirou  
Pra esse vale sagrado  
Fugindo do tocantins  
Se não os tupiniquins  
Lhe teriam exterminado.

Se expandiram aqui  
Desde o vale ao litoral  
Povoaram os sertões  
De maneira colossal  
Do velho Chico a extrema  
Da serra da Borborema  
Fizeram o seu quintal.

A água para esse povo  
Era um bem importante  
Quando aqui avistaram  
Manancial abundante  
De maneira estupenda  
Escreveram sua lenda  
Bonita e exuberante.

Muitos colonizadores  
Na sua extensa história  
Fizeram “as guerras justas”  
Pela força predatória  
Em genocidas combates  
Açoites, mortes, embates  
Cruenta luta inglória.

De fato em muitas guerras  
Contra a dominação  
Os Kariris se irmanaram  
Numa confederação  
Na luta contra o domínio  
Combatendo o extermínio  
Fugindo da escravidão.

E cada remanescente  
Da tribo dos Kariris  
Guarda ainda na memória  
Seus inimigos hostis  
E a cada geração  
Transmitiram a tradição,  
De nunca serem servis.

O grande chefe Miarada  
Semeou sua lição  
Às margens do Itaitera  
Fez forte revolução  
E naquela sesmaria  
Deu combate a covardia  
Marcou com sangue esse chão.

Outros povos desse vale  
Como a tribo aqui-jiró  
Espalharam essa lenda  
Contando a uma boca só  
Fosse então quipapaú  
ou do aldeame guariú  
Índio da tribo chocó.

Pois em cada inconsciente  
Habitava a intuição  
Que nesse vale encantado  
No subsolo do chão  
Tem um mar interior  
Que um dia com furor  
Inundará o sertão.

Onde hoje é situada  
A bela igreja matriz  
É a cama da baleia  
Da mãe-das-águas, e se diz  
Que a pedra da batateira  
Rolará na ribanceira  
Do vale dos Kariris.

Quando isso acontecer  
Como reza a tradição  
O sertão vai virá mar  
Não haverá salvação  
Tudo será inundado  
Nesse vale encantado  
Por um grande aluvião.

Os primeiros catequistas  
Que por aqui aportaram  
Resolveram interferir  
Na lenda que escutaram  
Para evitar o temor  
Pela "mãe do belo amor»  
A mãe das águas, trocaram.

E uma imagem de santa  
Por nome Nossa Senhora  
Foi esculpida em madeira  
Colocada sem escora  
Ao lado do rio Grangeiro  
cujo o fio, o ano inteiro  
corre manso, a qualquer hora

Os índios não convertidos  
Ecoaram na chapada  
A pedra da Batateira  
Foi por Miarada encantada  
É morada duma serpente  
Toda de ouro, luzente  
E que será despertada.

Eis que assim pelo tempo  
Voando na cordilheira  
Como um pterodátilo  
Com sua asa maneira  
Miarada solta esgares  
Como acordes seculares  
Da pedra da Batateira.

As nascentes vão encher  
Gota a gota acumular  
Um mar de água, que um dia  
Vai a pedra deslocar  
E uma piaba violeira  
Cantará mulher rendeira  
Pra serpente libertar.

E depois de sete luas  
Às margens do Itaitera  
Descerá do céu a luz  
Alumiando a cratera  
Que o tsunami deixou  
E sem querer desenhou  
Um sete'strelo – quimera.

Miarada o seu tambor  
Poderá tocar feliz  
Haverá de batucar  
Na florada dos piquis  
Com cheganças de jograis  
Cortejos de cabaçais  
Menestréis dos Kariris.

Fim

## AUTOR



Cleilson Pereira Ribeiro é poeta e compositor. Nasceu em Orós-Ce, em 73. Formado em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA. É especialista em Língua Portuguesa e Arte-Educação por essa mesma IES, com monografia defendida na área de Lendas e Oralidade. É Professor da rede pública estadual e do município de Barro, Ceará, onde reside desde de 77. É mestrando no curso de Planejamento e Políticas Públicas (Turma Seduc) na Universidade Estado do Ceará (UECE) . Premiado em inúmeros concursos literários, com destaque para I Prêmio Jornal Panegírico- Centro Acadêmico (CA) Tristão de Athayde, Universidade Federal do Ceará - UFC ( 1998 ), I, II e V Prêmio Domingos Olímpio de Literatura - Secretaria de Cultura de Sobral, ( 1998, 1999, 2002), XIII Prêmio Literário Cidade de Fortaleza - Fundação de Cultura e Turismo - FUNCET ( 2003), Prêmio Caetano Ximenes Aragão de Poesia 2010- Secretária de Sultura do Ceará (Secult) ( I Edital novos autores cearenses 2010), VI Edital Ceará de incentivo as artes- 2012- Secretária de Cultura do Ceará (Secult)

### **Publicou os livros de poesia:**

- Almaterra (1998), Edições Poema Postal, 2ª edição Editora LiteraCidade, 2016;
- Do olhar mirando para trás (2004), Edições Poema Postal;
- Garapa de Passarim ( 2009), Edições Poema Postal;
- O silêncio Laminado no casulo (2010), Prêmio Caetano Ximenes Aragão de poesia-2010 – Secult-Ce. Editora BSG;
- Posologia residual da palavra ( 2013), VI Edital Ceará de incentivo as artes- 2012- Secult-Ce. Editora BSG;

### **Lançou os cordéis:**

- O casamento de Zé Cagão, Coleção Sescordel, Sesc - Juazeiro do Norte,2001.
- O candeeiro que dava choque, Coleção, Sescordel, Sesc - Juazeiro do Norte,2002.
- A lenda de Água Valente e Vento Leve, Programa BNB Cultural, Coleção cordel de feira, 2009.
- A árvore advinhosa, Editora Luzeiro, São Paulo, 2015.



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*